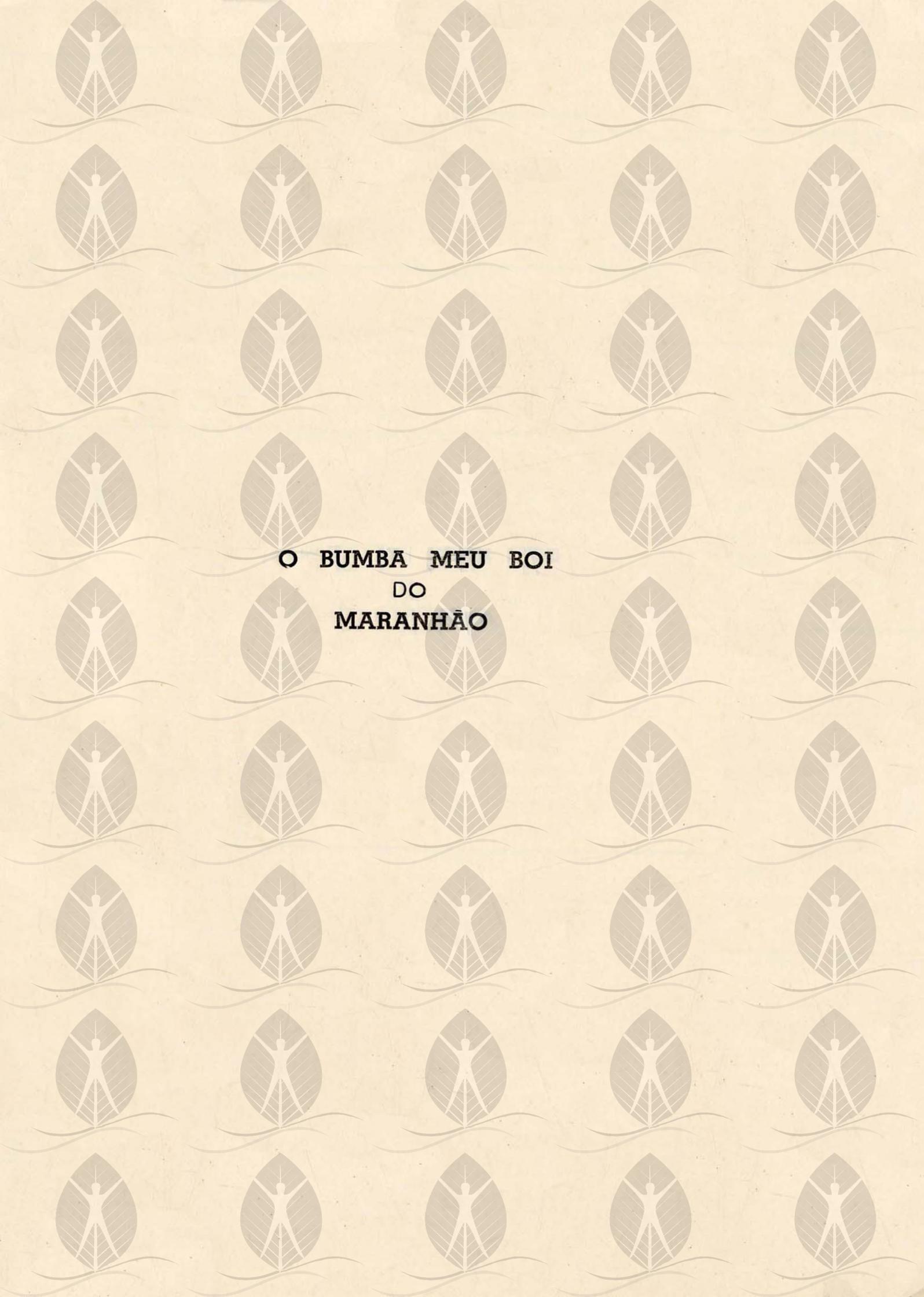


O  
Bumba Meu Boi  
do

Maranhão







**O BUMBÁ MEU BOI  
DO  
MARANHÃO**

390

Santos. José de Jesus. 1950-

S23b

O bumba meu boi do Maranhão. Maranhão s. ed. 1971.  
27 p. ilustr. 33 cm.

I Folclore I. Título

José de Jesus Santos



**O BUMBA MEU BOI  
DO  
MARANHÃO**

**MARANHÃO  
1971**



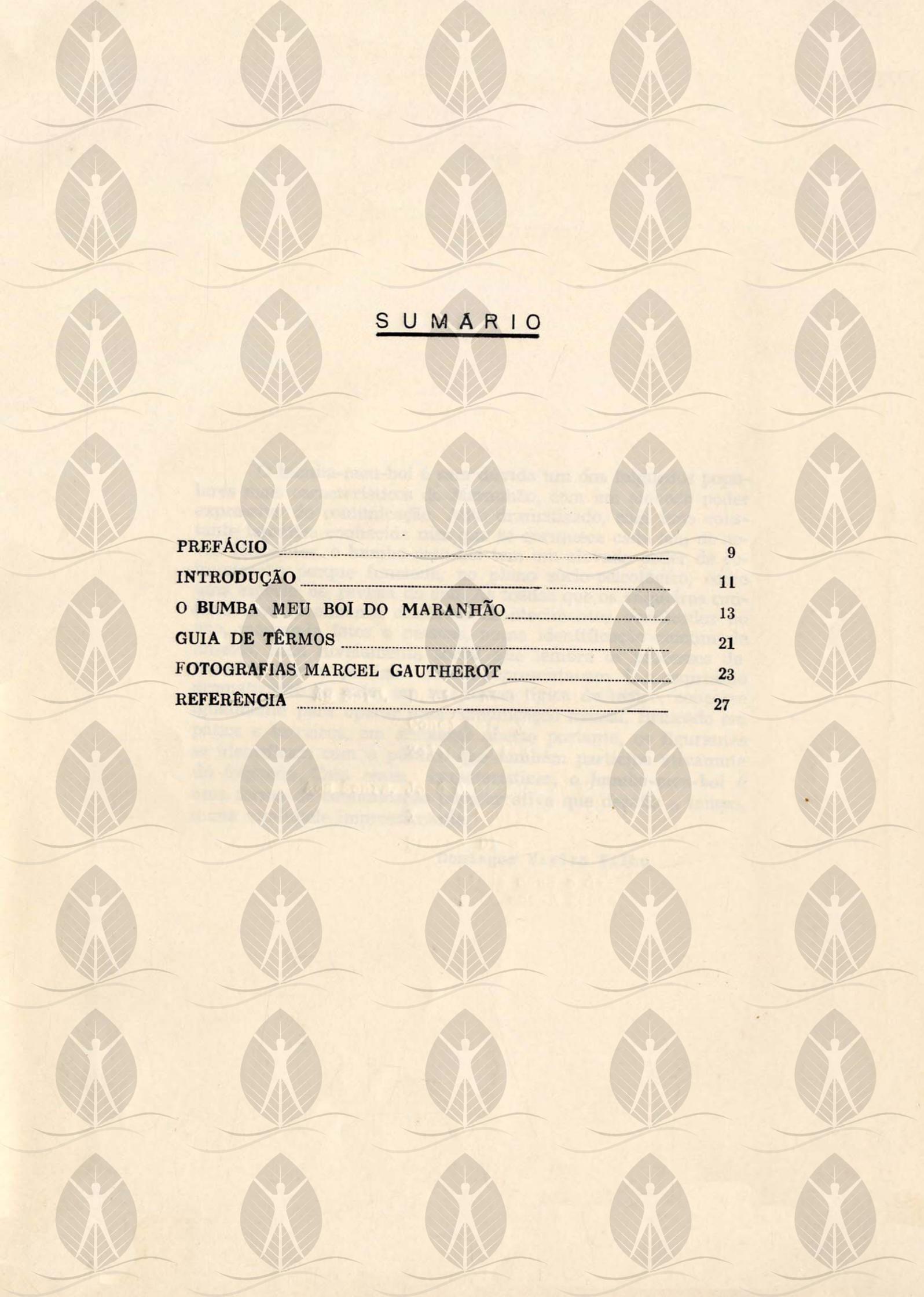


Às Srs<sup>as</sup>. Dací Santana Costa  
Concí Sarney  
Zelinda Limã

Aos Senrs. José Domingues da Silva Neto  
Ináldo Menezes  
Erasmó Dias

amigos meus e de  
nossa gente

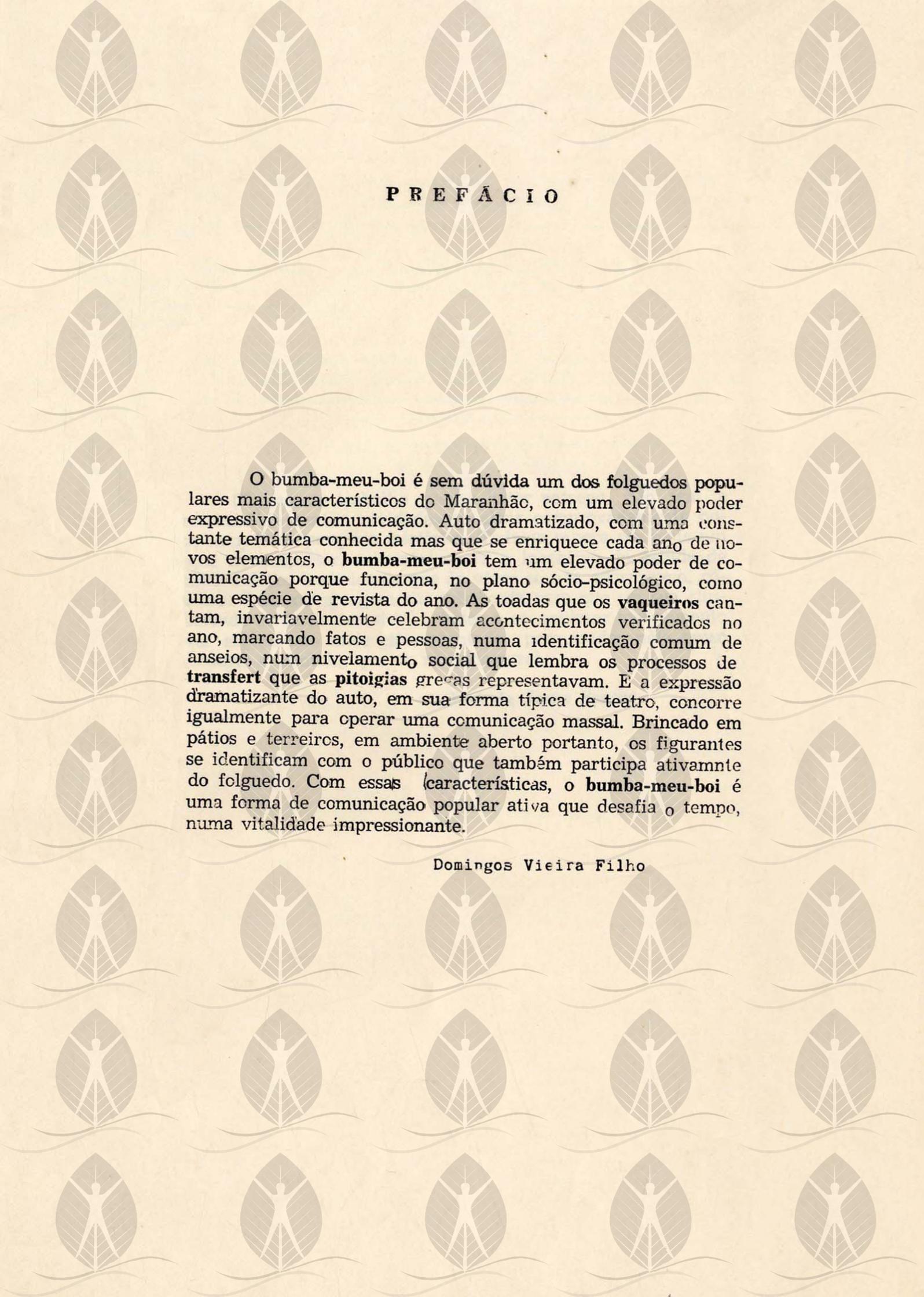




## S U M A R I O

<b>PREFÁCIO</b> .....	9
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>O BUMBA MEU BOI DO MARANHÃO</b> .....	13
<b>GUIA DE TÊRMS</b> .....	21
<b>FOTOGRAFIAS MARCEL GAUTHEROT</b> .....	23
<b>REFERÊNCIA</b> .....	27





## P R E F Á C I O

O bumba-meu-boi é sem dúvida um dos folguedos populares mais característicos do Maranhão, com um elevado poder expressivo de comunicação. Auto dramatizado, com uma constante temática conhecida mas que se enriquece cada ano de novos elementos, o **bumba-meu-boi** tem um elevado poder de comunicação porque funciona, no plano sócio-psicológico, como uma espécie de revista do ano. As toadas que os **vaqueiros** cantam, invariavelmente celebram acontecimentos verificados no ano, marcando fatos e pessoas, numa identificação comum de anseios, num nivelamento social que lembra os processos de **transfert** que as **pitoigias** gregas representavam. E a expressão dramatizante do auto, em sua forma típica de teatro, concorre igualmente para operar uma comunicação massal. Brincado em pátios e terreiros, em ambiente aberto portanto, os figurantes se identificam com o público que também participa ativamente do folguedo. Com essas características, o **bumba-meu-boi** é uma forma de comunicação popular ativa que desafia o tempo, numa vitalidade impressionante.

Domingos Vieira Filho





## Introdução<sup>s</sup>

O presente trabalho que ao leitor entrego, não tem a pretensão de contar novidades ou abrir comprovadamente novos campos na pesquisa folclórica. Todavia espera ser mais um toque de despertar, necessário para o incentivo do estudo de nossos valores tradicionais que às vezes se não adormecem, cochilam. Traz a linguagem não rebuscada para que em sua simplicidade se torne acessível a todos e se nenhum merecimento tiver espera que mais experimentado pesquisador nêle possa descobrir o caminho que eu não encontrei.

**José de Jesus Santos**



Em quase todo o decorrer da história da humanidade, o boi tem tido seu lugar de veneração como símbolo de virilidade, predominando sua presença nos cultos agrários.

Encontramos no Antigo Testemunho, inúmeras imolações de touros, com finalidade de venerar ou aplacar a ira dos deuses e propiciar chuva para a fecundação da terra e florescimento do plantio.

Sagrado no Egito, Fenícia, Caldeia, Cartago, merecedor de cultos e festividades, imagem de fecundidade e profundamente relacionado com os sistemas astrais, marca sua presença na religião Católica, apesar de rejeitado pela igreja, através do Boi de S. Marcos, festejado a 25 de abril.

Em Portugal, reminiscências do drama, encontramos nas "Touras" e nas "Tourinhas", cuja finalidade era distrair a multidão em dias de festa; nota a este respeito, achamos na "Miscelanea" Lisboa 1554.

O folclorista português Luís Chaves refere em suas memórias que, quando criança em Vila Real muito brincou de "tourinhas" com os meninos de sua época e diz que essa brincadeira constava de uma tábua coberta de pano barato e estampado, tendo em uma das extremidades, dois madeiros que, na sua criativa imaginação de criança, eram agudos e perigosos chavelhos.

Fato parecido, cita Câmara Cascudo quando se refere às festividades da Vila do Conde, na época do Natal, sendo que, nesta região, é conhecida a brincadeira por **Bicho da Manta**. Sabe-se também que antigamente, por ocasião das procissões religiosas em Portugal, aparece um Boi feito de armação de vime ou de madeira recoberto de fazenda o que, levado às costas por um homem, bailava entre os acompanhantes do cortejo.

À vista desses fatos, concluímos que o Boi de Portugal, trazido na bagagem cultural dos descobridores, aqui tenha sofrido as influências da terra e de seus habitantes e, posteriormente, tendo encontrado no negro, favorável aceitação, para

depois, apresentar-se com profundas características dêste processo aculturativo, que caracteriza a cultura popular brasileira, a qual, sem raízes autóctones, nada mais apresenta que a assimilação dos costumes do negro, do branco e do índio.

No Brasil, o primeiro registro de que temos notícia é do Padre Miguel do Sacramento Lopes Corrêa, em "O Carapuçeiro", no ano 1840, publicado em Recife e, pelo descrito do autor, já continha um enredo, personagens e bailado. O fato é que os séculos XVII e XVIII foram as testemunhas do surgimento do Bumba-meu-boi, pois foi êsse o período áureo do ciclo do gado, no nordeste (civilização do couro) norte e sul, quando a vida dos moradores da região estava profundamente ligada à criação do Boi, a ponto de deixar na toponímia de vários dos nossos municípios a marca de sua passagem, das quais podemos mencionar no Maranhão: Pastos Bons, Vargem Grande, Curralirio, etc.

Observação que vem validar tal argumento nos dá Câmara Cascudo ao afirmar ter sido o nordeste o centro irradiador do Bumba-meu-boi para o Brasil central, Estados do extremo Norte e Sul.

No Maranhão, enraizado no místico, sem sofrer muito acentuadamente o ataque aniquilador do progresso, neste clima de quase província, o Bumba-meu-boi torna-se dia a dia acrescido de novos elementos de dinamização folclórica, sem perder todavia suas constantes essenciais. Ao contrário do que acontece em outros Estados do Brasil, onde as festividades se realizam no mês de novembro até a noite de Reis (6 de janeiro) e pertencem, conseqüentemente, ao ciclo das Festas Natalinas, no Maranhão, sai às ruas a 23 de junho, por ocasião dos festejos juninos. A explicação dêste fato, talvez se deva à curiosa "Lenda de D. Sebastião", segundo a qual, teria o rei português, após "desaparecer" em Alcacequibir, vindo, com toda a corte de Quelluz, encantar-se na praia dos Lençois, no município de Cururupu e, desde então, precisamente no período das festas juninas, transforma-se em luzente touro coberto de pedras preciosas, com olhos em fogo, fulgurante estrela na testa, chifres de ouro e bôca em brasa, em desabalado galope

apavora os pescadores incautos. Débeis comparações poderemos fazer com um pouco de imaginação observando o couro bordado a lantejoulas e canutilhos dos nossos Bumba-meu-boi e a quase constante estrêla que, entre os dois chavêlhos, com ponteiras de ouro, ornam sôbre o veludo negro, a testa do Boi.

E se parece ao leitor, por demais imaginativa tal suposição, poder-se-ia lembrar que profunda influência sofre o Tambor de Mina!

Observemos, pois, a toada abaixo transcrita, colhida no Município de Guimarães.

Hoje meu boi sai  
Aviso todo o mundo

Bis

Com as graças de D. Sebastião recebi do mar  
Que reina lá no fundo.

Desenvolvendo-se o enredo do auto sob um tema, o qual apesar de algumas variações que não chegam a modificá-lo, consta de um pequeno drama decorrido em uma fazenda, quando estando uma mulher negra (Catarina) grávida, deseja comer a língua de boi de estimação do Coronel (ou senhor da fazenda) e, para tanto, com ardís, induz seu homem (Pai Francisco) Chico a matar o boi. Praticado o ato, perseguido e preso, o culpado pelos soldados ou índios, chama-se o doutor ou curador, que, a custo ressuscita o animal e, entre ruídos, danças e cantos, a festa se prolonga noite a dentro.

Tendo cachaça, couro bordado, cantador de peito, o Boi é bom. O proprietário, quase sempre, põe a brincadeira na rua por promessa; depoimento a êsse respeito nos dá Lorentino, proprietário do Boi da Fé em Deus.

“Em 1922, eu, Lorentino Araujo funcionário aposentado do Tesouro, e que ainda moro no dito bairro da Fé em Deus, assumi a responsabilidade do brinquedo. E, quando em 1926, uma bexiga braba me pegou de jeito, aí, então, fiz promessa séria p’ra meu Santo e nunca mais, há 42 anos deixei de botar meu Boi na rua, nem que seja com os maiores sacrifícios”.

Não é porém aí que a coisa fica: o Boi tem que ter influência, conhecer político e inspetor de polícia, saber falar melhor, assinar o nome e ter documentos. Ele é responsável pelo bem-estar da comunidade em que mora. A educação e o emprêgo dos filhos e participantes da brincadeira, são preocupações constantes, pois ele é o líder do bairro e da opinião, tem obrigação de propiciar o bem-estar dos participantes.

Os grupos de Bumba-meu-boi formam uma espécie de agremiação, alguns profundamente herméticos na qual, para que o indivíduo seja aceito, é necessário ou ser parente de um componente, ou dêle conhecidos os antecedentes. Outros, como o Boi da Maioba, quando no dia 23 sai do seu rebanho, agrega ao seu grupo de brincantes, quantos queiram a êle incorporar-se, para tanto, basta que até mesmo com os tamancos, possa o ingressante marcar o ritmo das **matracas** (1).

Na música, à revelia dos demais Estados, onde podemos encontrar a brincadeira, temos três **sotaques** (2) e no desenvolvimento da apresentação, três modos. Dos sotaques que são, respectivamente, orquestra, onde a "célebre" bandinha, num toque bem "dobrado" nos dá uma sensação de leveza e graça; **matraca**, ritmo quente, muito do índio sem melodia, só ritmo e **zabumba** (3), mais lento, tocada à maneira **socapilão** (4) e impregnada daquela saudade que bem caracteriza as músicas dos negros no Brasil. **Todavia, e de acôrdo com a maneira pela qual é a música interpretada, ímpar do canto, que se pode determinar as condições da brincadeira.**

No desenvolvimento do auto, ainda temos quatro modalidades: Louvação, lero (lírico) Piques (repiques) Despedida. Dos quatro, nada melhor explica, que a própria letra :

**Louvação :**

Esta minha saudação  
Quero levar mais adiante  
Ao Dr. Abreu Sodré  
Nosso ilustre visitante  
O grande governador de S. Paulo  
e do povo bandeirante

(de João Carlos Dias)

liro (lírico)

É noite, é céu estrelado  
E como é tão bonito!  
A lua quando vem surgindo:  
Dona da casa, bote luz muito clarão  
Que já chegou "Lindo Presente"  
Quem enviou foi São João  
(de Milton Pereira) (o canário do Munin)

Pique (repique)

Lá vai, Lá vai  
Metendo a terra pro fundo  
Hoje eu não dou anistia  
Mandei avisar todo o mundo.  
(Zé garapé) (Madre Deus)

Despedida :

Senhora a matança terminou  
Eu peço licença pra me arretirá  
Eu tenho uma tristeza e uma saudade  
A tristeza eu levo e a saudade vou deixá.

Assim, como se pode observar, a toada revela o estado de espírito e uma proposição do brincante. Enquanto a **louvação** é de um espiritualismo de submissão e servidão, bajula quem lhes parece ter condição de ajudar, o pique sacode desafiado um desafio, chamando para a **desgarrada** (5) o **lírico** e a **despedida** caminham próximos. Eles trazem a água açucarada das paixões saudosistas, escondendo frustrações e revivendo mágoas. Todavia se, por um lado, a toada pode ser apaixonada e bajulativa, pode, por outro, ser violenta e crítica, desafiadora e mordaz. Dela não escapa ninguém; se é preciso, critica e insulta até à pornografia, da elite ao Zé povinho.

Personagens locais antipatizadas são, por vezes, agredidas em quadrinhas de sentido duplo, que, cantadas com falsa inocência, já levaram alguns cantores à cadeia ou ao hospital.

Senhora dona de casa  
Deixa "minha pomba" entrar  
Quando ela tiver dentro  
A senhora vai gostá.

Se por um lado, a toada determina o estado de espírito dos componentes, interpretada pelo canto, o vestuário não só determina o personagem como também o "status" da brincadeira.

No que diz respeito à classificação dos personagens, é o **amo** (6) dono do Boi, o mais ricamente vestido, envergando calção de veludo, camisa de sêda e **peitoral** (7), em côres vibrantes e devidamente bordado a paieté e canutilhos; não despreza um manto igualmente luxuoso, acompanhado de **maracá** (8) e apito. Forma uma figura grotesca e imponente; os **vaqueiros** (9) e **tocadores** (10), dependendo das condições, se parecem, observando-se que, o primeiro traz na mão uma vara recoberta de papel crepom. Boi que tem tocador vestido como vaqueiro, **tá bem de vida**.

Os índios assimilaram estilizados **tangás** do carnaval e são bem diferentes dos caboclos de penas, onde as penas trabalhadas em formato de leque, pesando de 10 a 12 quilos cobrindo quase todo o brincante, lembram muito algumas brincadeiras nativas africanas. Todavia a pena tem que ser ou de peru ou de ema.

Pai Francisco, vestido de trapos e máscara de meia afilada ao rosto, traz sempre nas mãos uma inconveniente boneca que, tão logo é tocada por um encanto, permite ao possuidor exigir do segundo resgate.

Mãe Catarina, normalmente um travesti, no bom sentido, veste-se com saias longas e pano na cabeça.

As mulheres não tomam parte no folguêdo, limitam-se a acompanhá-lo, carregando seus homens bêbados e esperando a ocasião de desmanchar as vestimentas, pois Bumba-meu-Boi que se preza, não repete **ccuro** (11), nem roupa.

O doutor sai de paletó desbotado e muita pôse, é a crítica sutil contra a autoridade, quase sempre inacessível.

O chapéu tem o seu estilo que varia quase sempre de acôrdõ com o sotaque; todavia é o chapéu do Boi "de orquestra", sem menosprezar os de Viana, quebrados à moda canga-

ceiro e bordado a paetê e canutilhos, os mais bonitos em suas exuberantes armações de arame, com adôrno de flores de papel crepom, espelhinhos, miçangas e canutilhos. É o chapéu de maneira mais acentuada que a roupagem, um identificador do Boi, determinando o município de Origem e o tipo de ritmo ou sotaque.

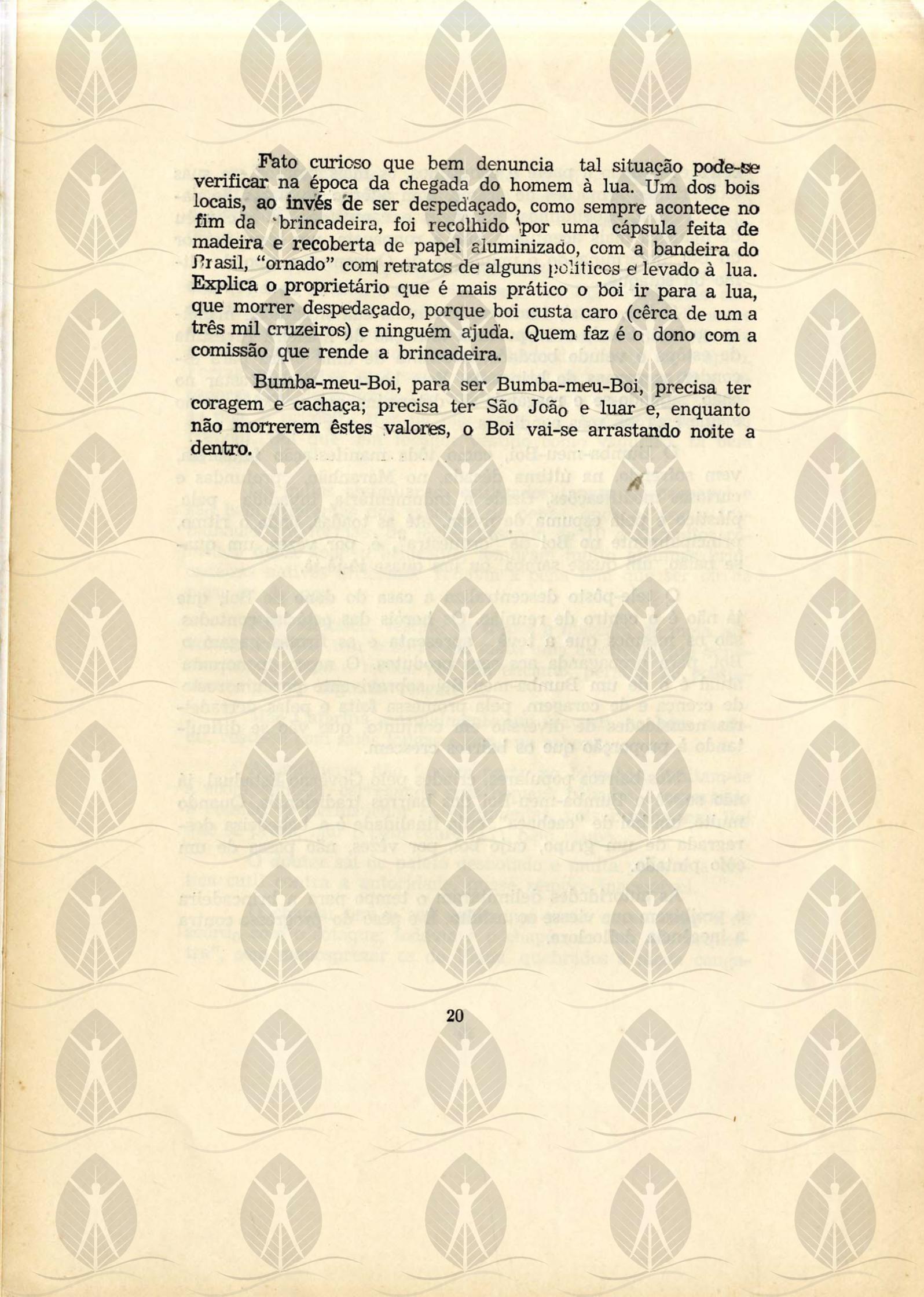
O Boi, em si, também determina sua situação de maneira curiosa. Sendo o corpo uma armação de madeira revestida de estôpa e veludo bordado, necessita de uma barra para esconder as pernas do brincante. Esta barra se não arrastar no chão, sujando-se e rasgando-se, determina que o Boi é velho e que está em más condições.

O Bumba-meu-Boi, como tôda manifestação folclórica, vem sofrendo, na última década, no Maranhão, profundas e curiosas modificações, desde a indumentária, invadida pelo plástico e pela espuma de nylon, até as toadas, onde o ritmo, principalmente no Boi de "orquestra", é, por vêzes, um quase baião, um quase samba, cu um quase iê-iê-iê.

O tele-pôsto descentraliza a casa do dono do Boi, que já não é o centro de reunião. Os heróis das estórias contadas são os mesmos que a tevê apresenta e as firmas pagam o Boi, para propaganda aos seus produtos. O nesso panorama atual é o de um Bumba-meu-Boi sobrevivente por um resto de crença e de coragem, pela promessa feita e pelas derradeiras necessidades de diversão em conjunto, que vão se dificultando à proporção que os bairros crescem.

Nos bairros populares, criados pelo Govêrno Estadual, já não se vê o Bumba-meu-Boi dos bairros tradicionais. Quando muito, um boi de "cachaça", cuja finalidade é a bebedeira desregrada de um grupo, cujo boi, por vêzes, não passa de um côfo pintado.

As autoridades delimitaram o tempo para a brincadeira e proibiram que viesse ao asfalto. É o pêso do progresso contra a inocência do floclore.



Fato curioso que bem denuncia tal situação pode-se verificar na época da chegada do homem à lua. Um dos bois locais, ao invés de ser despedaçado, como sempre acontece no fim da brincadeira, foi recolhido por uma cápsula feita de madeira e recoberta de papel aluminizado, com a bandeira do Brasil, "ornado" com retratos de alguns políticos e levado à lua. Explica o proprietário que é mais prático o boi ir para a lua, que morrer despedaçado, porque boi custa caro (cêrca de um a três mil cruzeiros) e ninguém ajuda. Quem faz é o dono com a comissão que rende a brincadeira.

Bumba-meu-Boi, para ser Bumba-meu-Boi, precisa ter coragem e cachaça; precisa ter São João e luar e, enquanto não morrerem êstes valores, o Boi vai-se arrastando noite a dentro.

O significado da palavra Bumba-meu-boi, de bumba interjeição equivalendo a impressão do choque batida ou pancada, assim Bumba-meu-boi seria bate-meu-boi, ataca-meu-boi, voz de excitação como o "olé" espanhol.

1 — MATRACA — instrumento de fricção usado no bumba-meu-boi. É composto de duas taboinhas de madeira sólidas.

2 — SOTAQUE — é o estilo da música. A forma de caracterizar o ritmo e a instrumentária.

3 — ZABUMBA, TINIDEIRA ou PANDA — pandeiro grande sem soalhas revestido de pele de cabra. Mede aproximadamente 60 cm. de diâmetro e é usado no fundo musical do Bumba-meu-boi.

4 — SOCA-PILÃO — ritmo batido em cadência morosa e repetida.

5 — DESGARRADA — desafio musical, versegado onde a astúcia, a espontaneidade poética determinam o vencedor.

6 — AMO — (Amo do Boi) — é o responsável pela brincadeira, pessoa considerada o líder de opinião.

7 — PEITORAL — peça quase sempre em veludo que é posta sobre o peito do brincante. É bordado a paeté, lantejoulas e canutilhos.

8 — MARACÁ — instrumento feito em folhas de Flandres com pequenas pedras em suas conchas repercutindo. A alma do ritmo do Bumba-meu-Boi.

9 — VAQUEIROS — são os brincantes do boi que executam a marcação do bailado.

10 — TOCADORES — são os instrumentistas.

11 — COURO — é a capa do boi que cobre a armação. É bordada em paeté, lantejoulas e canutilhos sobre veludo negro e pode representar quadros históricos, cenas bíblicas, etc.

12 — BARRA — é a saioa que fica em baixo da armação impedindo que se veja as pernas do brincante.

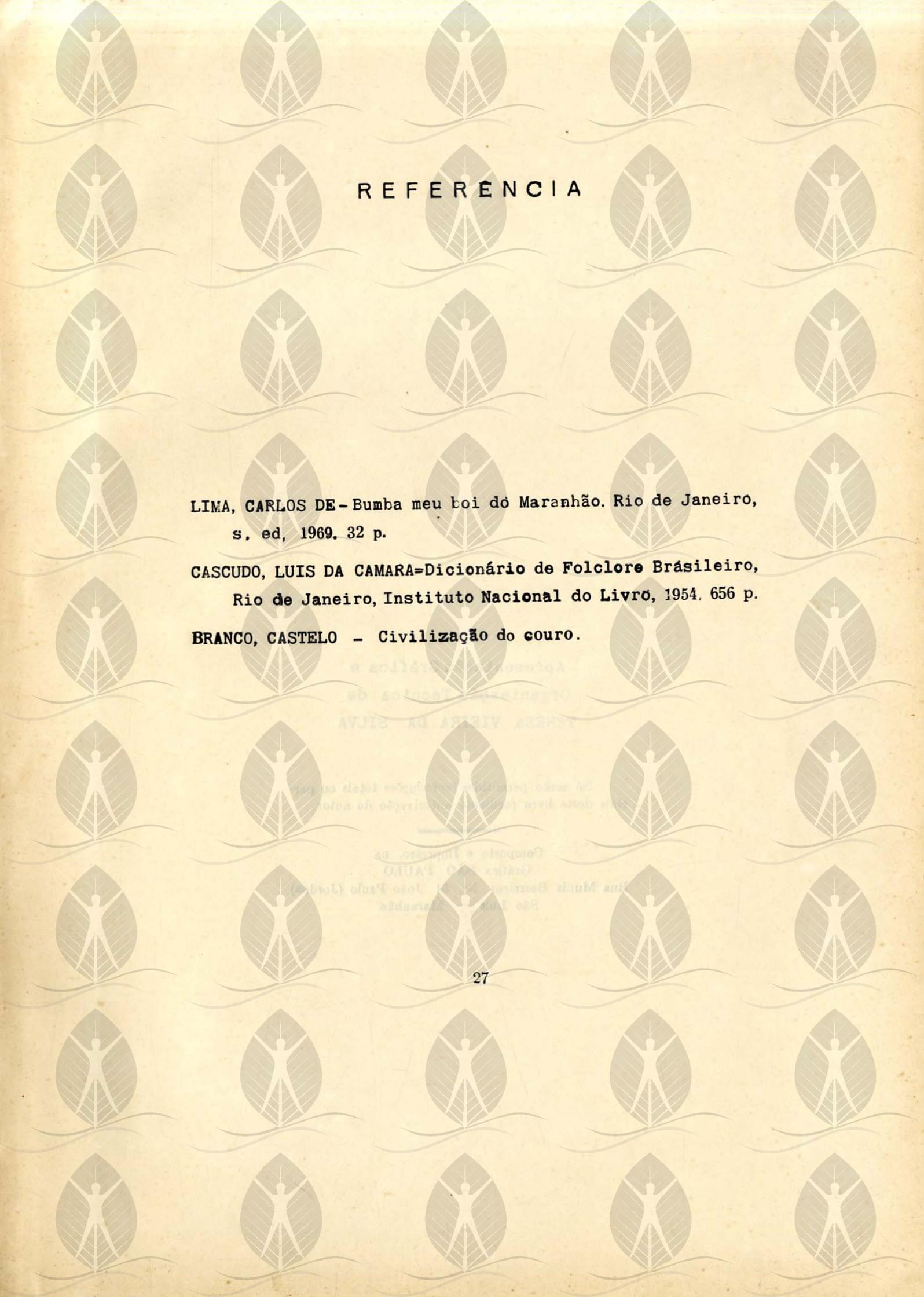










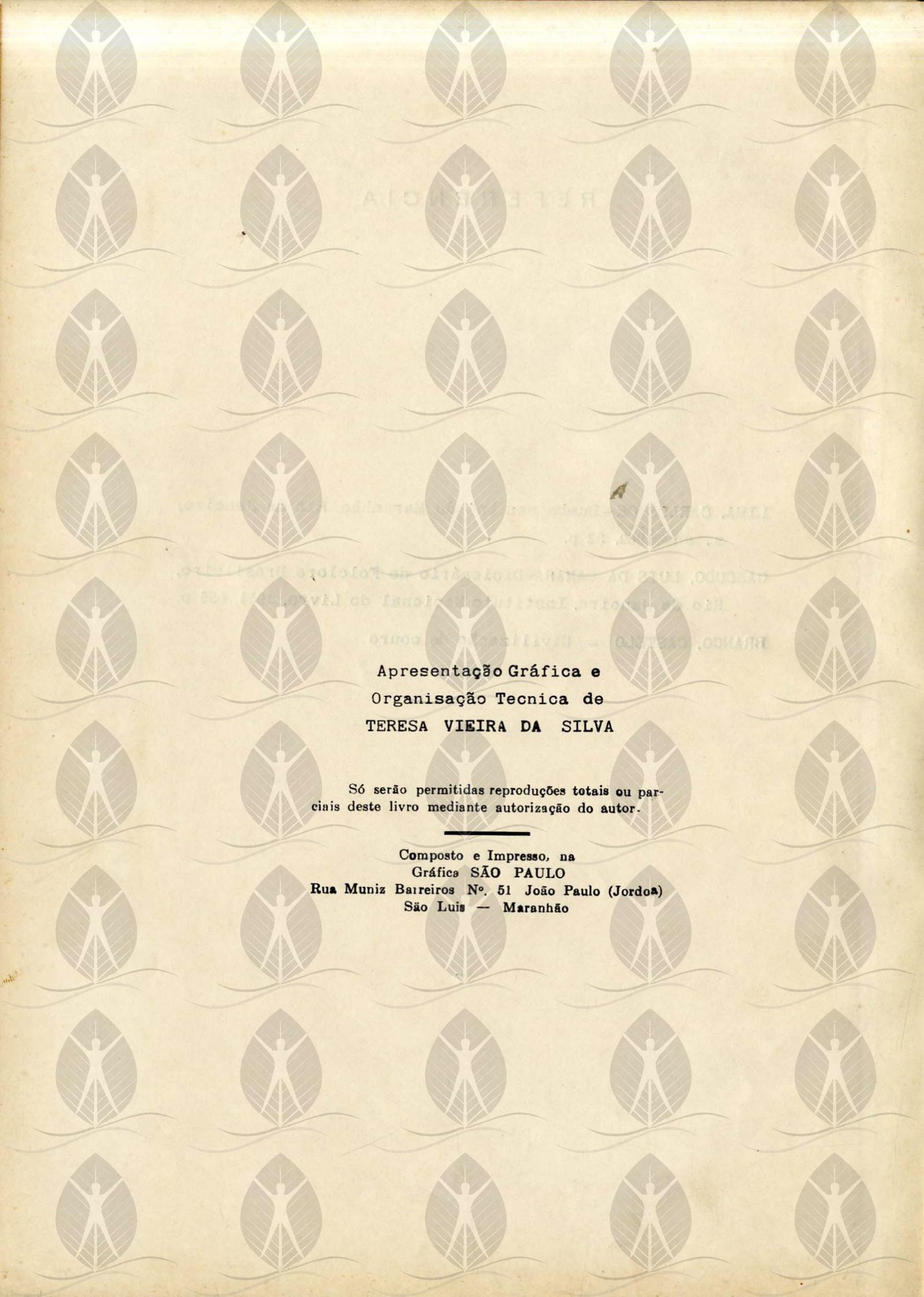


REFERÊNCIA

**LIMA, CARLOS DE** - Bumba meu boi do Maranhão. Rio de Janeiro, s. ed, 1969. 32 p.

**CASCUDO, LUIS DA CAMARA** - Dicionário de Folclore Brasileiro, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1954. 656 p.

**BRANCO, CASTELO** - Civilização do couro.



**Apresentação Gráfica e  
Organização Técnica de  
TERESA VIEIRA DA SILVA**

Só serão permitidas reproduções totais ou parciais deste livro mediante autorização do autor.

---

**Composto e Impresso, na  
Gráfica SÃO PAULO  
Rua Muniz Barreiros Nº. 51 João Paulo (Jordoa)  
São Luis — Maranhão**



## AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: [ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM](mailto:ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM)

Secretaria de  
**Estado de Cultura**



CENTRO CULTURAL DOS  
POVOS DA AMAZÔNIA